

RECENSÃO CRÍTICA DE “PORQUE CONFIAR NA CIÊNCIA?” (2021) DE NAOMI ORESKES

CRITICAL REVIEW OF “WHY TRUST SCIENCE?” (2019) NAOMI ORESKES

RESEÑA CRÍTICA DE “¿POR QUÉ CONFIAR EN LA CIENCIA?” (2022) DE NAOMI ORESKES

Vera Novais^{1,2}

¹SciComPt - Rede de Comunicação de Ciência e Tecnologia de Portugal, Portugal

²Observador, Lisboa, Portugal

vnovais@observador.pt

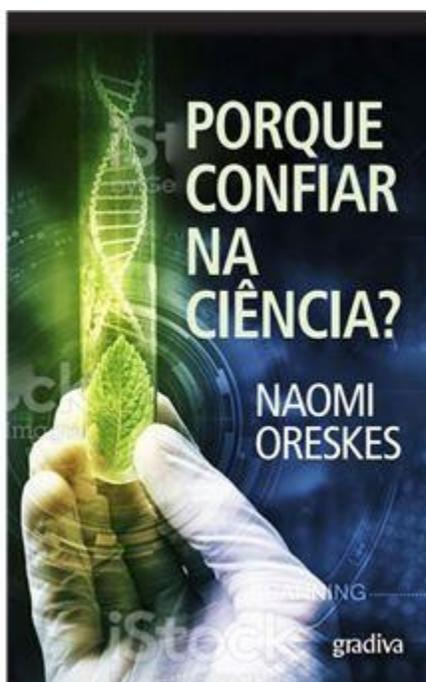


Figura 1 Capa do livro (Oreskes, 2021)

Cientistas, profissionais de saúde, comunicadores de ciência — e, até, jornalistas — são confrontados com o ceticismo dos seus interlocutores e com dúvidas sobre se devemos confiar na ciência e porquê. As questões não são novas, mas foram amplificadas pelas redes sociais, pela polarização política e social e pela crescente desinformação.

No livro “Porque confiar na ciência?”, Naomi Oreskes não parece ter dúvidas de que devemos confiar, mas não se limita a dizer ‘porque sim’: explica como e quando, deixando claro que “não defende uma confiança cega e total” (Oreskes, 2021, p. 305). Muito pelo contrário, se

há motivo para se confiar na ciência é pelo escrutínio a que é sujeita — seja pelos pares, seja pela sociedade civil ou pelos jornalistas.

A ideia de método científico como “fórmula mágica” é desmontada pela autora, que nos faz percorrer a filosofia da ciência do século XVIII aos dias de hoje. Oreskes (2021) rejeita que se apresente a ciência como autoridade — o que também afasta céticos e opositores — e defende que o método e as motivações sejam transparentes e diversificados e que as experiências, observações e conclusões estejam acessíveis.

Ao assumir a ciência como uma atividade coletiva, aumenta-se o escrutínio, a diversidade de perspectivas e a crítica — e isso é bom para a ciência. Porque, diz a historiadora da ciência, “a ideia da ciência como atividade neutra no que toca a valores é um mito” (Oreskes, 2021, p. 184) — assim como acreditar que os cientistas, enquanto indivíduos, não são influenciados pelos seus próprios valores. Contudo, desde que a comunidade seja diversificada, tudo deverá correr bem, defende.

Por estranho que possa parecer à partida, é nesta diversidade de perspectivas que se chega ao consenso. Porque, em ciência, o consenso não é ceder, nem encontrar um meio termo entre posições divergentes. O consenso científico — difícil de alcançar, lembra Oreskes (2021) — depende de um processo de revisão e contestação, até se chegar a um conjunto de afirmações com que os especialistas concordam.

Se a contestação tem uma base científica, esta pode ser sanada por mais e melhor investigação. Mas se os confrontos de ideias são motivados por interesses políticos, económicos e ideológicos, então mais informação científica não resolve o problema, porque as objeções não-científicas não são motivadas por considerações científicas, alerta a investigadora que se tem dedicado, entre outras coisas, ao tema das alterações climáticas. “No que diz respeito a semear a dúvida, não se pode combater o fogo com o fogo. É necessário mudar os termos do debate” (Oreskes, 2021, p. 294).

A autora conclui com as estratégias para lidar com promotores da desinformação e pós-verdade: “Uma forma de o fazer é expor as motivações ideológicas e económicas subjacentes à negação da ciência e demonstrar que as objeções não são científicas, mas políticas. Outra forma é explicar como funciona a ciência e afirmar que, em muitas se não todas as circunstâncias, temos boas razões para confiar nas afirmações científicas estabelecidas” (Oreskes, 2021, p. 294).

O livro de Naomi Oreskes baseou-se nas Palestras Tanner sobre Valores Humanos, proferidas em Princeton no final de 2016, e conta com os comentários de especialistas selecionados. A publicação original foi feita pela Princeton University Press, em 2019, antes do início da pandemia de covid-19, mas a crise de saúde pública global valida os argumentos apresentados pela autora.

REFERÊNCIAS

Oreskes, N. (2021). *Porque Confiar na Ciência?* Gradiva.